

Por que o mundo precisa regulamentar a IA

Por Martin Wolf

Valor, 11/06/2026

Um pacto de desarmamento tecnológico entre EUA e China faria todos se sentirem mais seguros

Na semana passada, perguntei se a inteligência artificial (IA) é uma bolha, uma dádiva ou uma maldição. Minhas respostas foram, na ordem, “até certo ponto”, “sim” e “sim”. Agora, quero discutir mais profundamente a última pergunta, sobre as “maldições”. Os temas que vou considerar são os seguintes: até que ponto a IA é perigosa, o que deveríamos fazer para contê-la e será que alguma forma de regulamentação funcionaria? Minhas principais conclusões são que a IA é, sem dúvida, perigosa, que certamente deveríamos tentar regulamentá-la, mas que, com toda probabilidade, a tentativa fracassará.

Alguns me disseram que não tenho direito a comentar a respeito por não ser um especialista. Outros, de que precisamos aceitar tudo o que a tecnologia nos dá, porque é a fonte do crescimento econômico. Ambos os pontos de vista estão errados. Uma democracia é um projeto político compartilhado. Todos nós temos o direito de participar nos debates sobre como administrar novas tecnologias perigosas.

Isso era verdadeiro quando a bomba atômica foi inventada. E também é verdadeiro para a IA, que terá consequências muito mais complexas, e também perigosas. Além disso, o suposto direito para decidir a respeito desses temas, reivindicado por alguns gigantes da tecnologia, certamente foi perdido depois dos enormes danos causados pelas plataformas de relacionamento social on-line aos jovens e ao bem público que é ter informações confiáveis.

Será que é descabido comparar a IA às armas nucleares? Não, porque a IA também pode trazer grandes danos. Em termos gerais, estes recaem em três categorias: um colapso dos valores humanos fundamentais; alguns danos específicos imensos; e desestabilizações generalizadas.

Os humanos pensam, criam e agem. O que ocorrerá quando (ou se) as máquinas começarem a fazer por nós a parte de pensar e até de criar e agir? Os humanos continuarão a se empenhar em compreender as coisas ou passaremos a receber tudo já mastigado? Em resumo, será que a IA mudará não apenas o que os seres humanos fazem, mas quem nós somos?

Um aspecto fundamental do que significa ser humano é a responsabilização. Essa questão tornou-se mais visível quando o presidente da Argentina, Javier Milei, anunciou a criação da “empresa não humana”. A resposta veio de Yuval Noah Harari: “Países que concedam personalidade jurídica a IAs correm o risco de se tornar algo para o qual não existe analogia nos registros históricos: não um Estado-empresa, mas um Estado-IA”.

Juridicamente, empresas são “pessoas”. Mas empresas controladas por IA poderiam tomar decisões sem participação humana. Como, e perante quem, um programa de IA seria responsabilizado? Executivos criminosos podem ser presos. Qual seria o equivalente para uma IA? Como diz o papa, a IA é uma “ferramenta”. Ela não é uma pessoa. Ela sofre? Sangra? Pode ter responsabilidade moral? Pode ser responsabilizada de alguma forma significativa? Não. Além disso, essa questão da responsabilidade não se limita a empresas. Quem será responsabilizado por crimes de guerra quando a IA conduzir exércitos de robôs?

A questão da responsabilização também vem à tona no caso de outras instituições capazes de usar os recursos proporcionados pela integração da IA a outras tecnologias. As possibilidades de vigilância em massa são enormes. O mesmo vale para a criação de armas autônomas. A fabricação de mentiras, deepfakes e golpes já foi imensamente aprimorada. Esses avanços poderiam ser usados por Estados, por atores privados ou por ambos. Como a lei e a responsabilização política poderiam funcionar em um mundo assim? Em uma provocativa publicação na plataforma Substack, o economista Noah Smith chega a argumentar que a IA tomará o controle do mundo.

Há também perigos mais específicos. Um perigo óbvio é a capacidade de desestabilizar nossa civilização nutrida por sistemas digitais. Tivemos um vislumbre disso quando a Anthropic alertou para a ameaça do Mythos à cibersegurança. Praticamente tudo do que dependemos também depende, por sua vez, desses sistemas. Se a IA puder desestabilizá-los, a vida se tornaria radicalmente insegura e as possibilidades de extorsão seriam ilimitadas. A possibilidade de projetar patógenos letais também é aterrorizante.

Niall Ferguson, do centro de estudos Hoover Institution, adverte que parte do que torna a IA incontrolável é o fato de ela ser movida por duas corridas armamentistas simultâneas: uma entre um pequeno grupo de empresas e outra entre os Estados Unidos e a China. Até agora, os EUA decidiram não regulamentar a corrida entre suas empresas, enquanto EUA e China tampouco tentam controlar a corrida entre eles. Ferguson argumenta que a primeira corrida é explicada, em grande medida, pela segunda. Um acordo entre EUA e China sobre regulamentação da IA seria, segundo ele, uma condição necessária para controlar a competição “no estilo máfia” entre as principais empresas americanas.

Estamos, portanto, presos em uma armadilha, como argumentei na semana passada: os tecnólogos vêm nos catapultando, em alta velocidade, para um novo mundo cujas implicações não compreendemos nem controlamos. Isso ocorre em parte porque a IA é a mais “geral” entre todas as tecnologias de uso geral. Potencialmente, a IA pode até significar a substituição da inteligência humana pela das máquinas. As implicações, como indiquei, vão muito além das preocupações a respeito de perigos específicos. A IA também afetará o nosso senso de identidade enquanto seres humanos e a forma como organizamos e compreendemos a sociedade: programas de computador deveriam ser capazes de agir como pessoas quando não sentem, não são conscientes e não têm consciência moral?

Certamente gostaríamos de impedir os maiores perigos, em especial os mencionados acima. Dessa forma, um caminho sensato seria que EUA e China identificassem e concordassem com algum tipo de tratado de desarmamento em IA. Isso poderia fazer todos se sentirem mais seguros.

Há uma notícia positiva: o medo das rupturas econômicas e sociais que estão por vir preocupando as pessoas. Elas acreditam que o futuro é importante demais para ser deixado nas mãos de alguns poucos “mestres da tecnologia”, assim como a guerra é importante demais para ser deixada para os generais. Diante disso, poderia abrir-se um espaço para a regulamentação. **(Tradução de Sabino Ahumada)**

Martin Wolf é o principal comentarista econômico do Financial Times.